

O DISCURSO RACISTA DE MORICONI SOBRE O BRASIL EM FINS DO SÉCULO XIX: UM ESTUDO À LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO

Angélica Moriconi (UNISA)
angelica.moriconi@bol.com.br

1. Introdução

O presente estudo aborda o discurso etnocêntrico e, portanto, racista de Ubaldo Moriconi, no livro *Nel Paese De'Macacchi*, publicado em 1897, na Itália. Inserida no gênero da literatura de viagem, a obra constitui rico material não somente para análise da representação do Brasil e dos brasileiros como também para o estudo da forma como se construiu esse tipo de representação.

Enunciador de um discurso que revela o viés das ideologias racistas tão ao gosto do final do século XIX, Moriconi descreve o país e seus habitantes, valendo-se da retórica da negação e da descaracterização dos brasileiros. Este trabalho procura, pois, demonstrar de que modo o enunciador construiu seu discurso, focando-se, sobretudo, na constituição do próprio sujeito discursivo, por meio da depreciação de seus *ethé*.

Verificar-se-á, pois, de que maneira o *ethos* manifestado em *Nel Paese De'Macacchi* condiciona os interlocutores na direção de certos estereótipos e legitima a enunciação de um posicionamento discursivo revelador da ideologia dominante.

Norteiam essa pesquisa os fundamentos teóricos da análise do discurso de orientação francesa, sobretudo aqueles propostos por Dominique Maingueneau, bem como os postulados da teoria da argumentação, uma vez que se encontram entrelaçados homem, discurso, história e sociedade.

2. Considerações sobre a análise do discurso no âmbito dos estudos da linguagem

Desde o nascimento da ciência da linguagem, no século XIX, os estudiosos têm se preocupado com seu objeto das mais variadas

formas. A língua, por ser um objeto multifacetado, pode ser estudada de diferenciadas perspectivas. Assim, a linguística tem produzido estudos que concebem a língua enquanto sistema, em que se evidenciam trabalhos cujo cerne são os elementos de uma dada língua e os tipos de relações que esses elementos contraem no interior desse sistema. Esses estudos estruturais produziram trabalhos exaustivos e profícuos no que diz respeito à descrição dos fonemas de uma língua, para citar apenas um exemplo.

Entretanto, esses estudos que viam a língua como uma estrutura cujos estudos não pretendiam abranger os fatos exteriores ao sistema, deram lugar às pesquisas contemporâneas de caráter discursivo, que a entendem em sua relação com a sociedade e o momento histórico nos quais são produzidos os discursos.

É justamente nessa perspectiva que se coloca a análise do discurso (AD) com o propósito de explicitar as especificidades da significação inscritas na materialidade linguística denominada discursos. Assim, a AD considera indissociáveis o discurso e o sujeito discursivo. Interessam-lhe os sujeitos, suas inscrições na história e as condições de produção da linguagem. Analisam-se, pois, as relações que se estabelecem entre a língua, aqueles que a empregam numa situação específica e a maneira como o fazem.

3. O percurso dos estudos sobre o ethos: da retórica clássica à análise do discurso

O discurso e o texto são entendidos ora como objetos de significação, ora como objetos de comunicação. Em outros termos, o texto organiza-se e produz sentidos, enquanto objeto de significação, mas também se constrói na relação com os demais objetos do mundo cultural, uma vez que está inserido numa determinada sociedade e num tempo histórico preciso. É, portanto, um objeto de comunicação e, nesse sentido, pressupõe interação. Exatamente por isso, na instância do discurso, confrontam-se os interlocutores, numa dada situação concreta, com determinadas intenções. Esse confronto, por sua vez, instaura imagens: a que o locutor faz de seu interlocutor; a que o interlocutor faz do locutor; a que o locutor faz de si próprio e também a que acredita que o interlocutor faça dele.

Sempre que se utiliza a palavra, por meio de um discurso, constrói-se uma imagem. O locutor ao construir seu discurso, também nele se constrói.

Denomina-se *ethos* a construção dessa imagem que, entretanto, não é explicitada no discurso, mas é possível chegar a ela por meio de marcas que o locutor vai deixando pelo caminho: suas escolhas lexicais, o nível de linguagem selecionado e , em se tratando de discurso oral, sua postura, o modo de falar, de olhar, sua disponibilidade em relação ao interlocutor etc.

Não se pode falar em *ethos*, entretanto, sem que se reporte à retórica clássica, pois foi Aristóteles quem sistematizou a Retórica como a arte da persuasão. O filósofo grego entende o conceito de *ethos* como um aspecto fundamental da persuasão. Para ele, há três espécies de provas de que se utiliza o orador para persuadir o seu auditório: 1. o caráter do orador (a que ele chamou de *ethos*); 2. as paixões despertadas nos ouvintes (a que ele chamou de *pathos*); 3. o discurso (a que ele denominou *logos*). Dessa maneira, persuade-se o ouvinte por meio dessas três provas.

O orador influencia os ouvintes pelo seu caráter. Referindo-se a essa questão, Aristóteles empregou o termo *epieikeia* como sinônimo de *ethos*: "(...) que a *epieikeia* do orador não contribui em nada para a persuasão; muito ao contrário, o *ethos* constitui praticamente a mais importante das provas." Aristoteles *apud* Amossy (2005, p. 36).

O auditório, por sua vez, é influenciado pelo orador, é o seu alvo. O bom orador convencerá seu auditório apelando para as paixões: deve impressioná-lo, fazer com ele compartilhe suas crenças, acredite sinceramente em suas palavras, em outros termos, deverá o auditório envolver-se emocionalmente com o discurso. A última prova consiste no próprio discurso. O orador deve apresentar sua tese claramente e selecionar bem os argumentos que a fundamentam.

Percebe-se, portanto, que o *ethos* está ligado ao orador e à imagem que este constrói de si mesmo para seu auditório e essa prova é para Aristóteles a mais forte de todas, uma vez que se o orador parecer honesto e sincero, seu discurso também o parecerá.

Importa aqui esclarecer que o *ethos* é concebido como o caráter do orador construído pelo discurso, não importando se esse caráter corresponde à realidade ou não.

Dominique Maingueneau, em estudos recentes sobre o *ethos*, revisita os estudos aristotélicos sobre essa questão e afirma que *ethos* diz respeito às imagens de si no discurso. No entanto, os estudos da AD ampliam a visão da retórica clássica e consideram que não somente o discurso judiciário ou as arguições orais são constituídos pelo *ethos* do orador, mas qualquer tipo de discurso, inclusive o escrito, constitui-se das imagens construídas pelo enunciador.

Maingueneau, ao retomar a noção aristotélica de *ethos*, filia-a à instância discursiva, tal qual, na antiguidade, o fez Aristóteles. Assim, o orador constrói uma imagem de si que independe de sua pessoa, de seu ser. Trata-se antes de uma imagem construída no ato da interação verbal – ou se se preferir, na instância do discurso, no processo mesmo da enunciação.

Ampliando as noções aristotélicas, Maingueneau (1989, p. 45) introduz a noção de "voz" capaz de solucionar o problema em relação aos discursos escritos. Se na antiguidade, o *ethos* constituía-se em torno da palavra viva, observando-se as características físicas do orador, como gestos, entonação, a AD propõe a ideia de que o texto escrito é sustentado por uma voz específica concebida como uma das dimensões da formação discursiva. A essa voz, o autor denomina "tom". O discurso associa-se, pois, a um tom. Além do conceito de tom, o autor concebe ainda a noção de corporalidade:

O tom está necessariamente associado a um *caráter* e a uma *corporalidade*. O "caráter" corresponde a este conjunto de traços "psicológicos" que o leitor-ouvinte atribui espontaneamente à figura do enunciador, em função de seu modo de dizer. (...) Deve-se dizer o mesmo a propósito da "corporalidade". que remete a uma representação do corpo do enunciador da formação discursiva. (MAINGUENEAU, 1989, p. 46)

O *ethos* está, portanto, intrinsecamente ligado à construção de uma corporalidade do enunciador cujo tom lhe foi imposto pela formação discursiva na qual está inserido. O tom possibilita ao leitor a construção, no texto escrito, de uma representação subjetiva do corpo do enunciador (corpo não físico, daí o termo corporalidade). Surge então a figura do *fiador* proposta por Maingueneau que nada mais

é senão a imagem corporal do enunciador construída pelo discurso. O fiador é desvelado no discurso e não há necessariamente correspondência entre ele e o enunciador efetivo. Justamente por assim ser, é possível, no âmbito discursivo, criar a imagem de um fiador educado, calmo e tranquilo, mesmo que o enunciador não o seja. Tal construção dessa imagem do fiador advém das escolhas lexicais feitas pelo enunciador. Interessante observar com Maingueneau (2005), que a imagem do fiador é construída pelo coenunciador que o faz por meio dos índices textuais.

4. A construção do ethos do enunciador em “Nel Paese De' Macacchi”

Em “*Nel Paese De' Macacchi*” (1897), o italiano Ubaldo Moriconi, tece comentários sobre o Brasil e os brasileiros e seu discurso é revelador no que diz respeito à construção, não somente da imagem do grande país do Novo Mundo, como também de sua própria.

Utilizando-se de suas próprias experiências para dar à Itália uma imagem "objetiva" do país, descreve aspectos como clima, fertilidade da terra, diversidade regional, grau de "civilidade" dos nacionais, adaptabilidade dos imigrantes italianos, inter-relações brasileiros/italianos, entre outros.

Inserida no gênero da literatura de viagem, a obra foi publicada na Itália, com o propósito de descrever objetivamente o país e seus habitantes, a fim de que os emigrantes italianos pudessem conhecer o mais amplamente possível a realidade das novas terras para as quais se dirigiam.

Seus interlocutores diretos são seus patrícios, os imigrantes italianos. Sabe-se que o autor estava no Brasil na época da Proclamação da República, portanto, desde 1889 estudava o país *in loco*. Trabalhou no Rio de Janeiro onde fundou, em 1892, uma revista ilustrada. Dirigiu, em São Paulo, no ano de 1894, o jornal *Il Messaggero*. Foi também funcionário público do governo de Minas Gerais para o serviço de imigração, em meados de 1895. Após esse período em que aqui viveu colhendo dados sobre o país e seus habitantes, re-

gressou à Itália e publicou , em 1897, *Nel Paese De' Macacchi*, nosso objeto de estudo.

Ao longo de toda a obra, o autor tece comentários negativos sobre o Brasil e os brasileiros e utiliza-se da ironia para descaracterizá-los. Embora, muitas vezes, afirme que seu relato é o mais imparcial possível, percebemos alta dose de rancor ou mágoa em relação ao país.

Cumpramos observar que é traço recorrente a preocupação do enunciador em mostrar-se bem intencionado e imparcial em relação aos fatos de que trata. Nesse sentido, o *ethos* do enunciador constrói-se a partir da criação um *fiador* (MAINGUENEAU, 2005) cujo discurso reveste-se de verdade. Vejam-se os exemplos:

1- *Il titolo di questo libro può sembrare un'offesa ai brasiliani, contraddistinti - come ognuno sa- dai fratelli del Sud America, col nomignolo di macacos (...). Mi piace dichiarare che codeste piccinerie sono affatte estranee al titolo di questo libro.* (MORICONI, p. 7)

2- *E prima di andare oltre, credo opportuno d'insistere su questo lato debole della stampa brasiliana ch'è del massimo interesse per affermare vari giudizi da me dati, i quali potrebbero, differentemente, sembrare esagerati, o ispirati da rancori personali.* (*Idem, ibidem*, p. 219)

3- *Questa digressione non dovrebbe entrare nel compito di questo libro, ma brevemente e per meglio corroborare altri giudizi che farò seguire sul carattere del popolo Brasiliano, meglio è condensare fin d'ora le cause che...* (*Idem, ibidem*, p. 21)

No exemplo 1, o enunciador afirma que o título do livro *po-deria parecer (può sembrare)* uma ofensa aos brasileiros, mas não foi essa a intenção: isso seria muito pequeno. Logo em seguida, entretanto, trai-se, ao dizer que se o tivesse feito, não teria cometido nenhuma injustiça, uma vez que os brasileiros chamam aos italianos, carcamanos. Observe-se a necessidade de explicação para que sua imagem seja digna de crédito.

Da mesma forma, no segundo exemplo, percebe-se a obsessão do enunciador com a construção de uma imagem serena e justa de si. Expõe-se, novamente, o *fiador*: ao relatar que os fatos poderiam parecer exagerados e movidos por rancores pessoais, ele tenta mostrar-se como depositário da verdade, isento de preconceitos ou rancores. Interessante observar que nessa tentativa, – inadvertidamente, ele

deixa implícito em seu discurso o contra-discurso. É justamente pela preocupação excessiva na construção da imagem da imparcialidade que se pode perceber sua parcialidade.

Numa outra passagem, em que o enunciador fala da revolução que deu origem à implantação da República no Brasil, diz que essa digressão não caberia na obra, mas a faz porque sua função é a de *corroborar* outros juízos acerca do caráter dos brasileiros. Preocupa-se, pois, em provar o que afirma a fim de que tenha credibilidade. Sua imagem é, pois, construída a partir dessa constante: a preocupação em relação à imagem que dele fará seu interlocutor.

No capítulo XII em que trata da imprensa brasileira, descreve minuciosamente as seções dos principais jornais brasileiros e tece comentários a respeito de uma delas: as rubricas. O autor dirige-se ao seu interlocutor e pede para que ele mesmo julgue o interesse que esse tipo de propaganda estritamente pessoal pode ter para o público leitor do jornal: *Giudichi il lettore che interesse può avere per il pubblico questo genere di r̀eclame tutta personale. (Idem, ibidem, p. 220)*

Interessante perceber que o enunciador exime-se de qualquer juízo de valor e interpela seu interlocutor para que este proceda ao julgamento. Vê-se, dessa forma, a construção da imagem do *fiador* - aquela corporalidade revestida de um caráter cujo tom de sinceridade e, mais ainda, de neutralidade remete a responsabilidade do julgamento ao coenunciador.

Maingueneau (2005) desenvolve o conceito de *ethos* e o subdivide em *ethos* dito e *ethos* mostrado. Aquele diz respeito às referências diretas ao coenunciador, em que o enunciador descreve suas características. Este se relaciona às marcas ou pistas que o enunciador deixa entrever em seu discurso, de forma implícita.

Observando-se os conceitos acima expostos, pode-se dizer que o *ethos* do enunciador de *Nel Paese De' Macacchi* se constrói de maneira ambivalente: de um lado, seu discurso apresenta referências diretas sobre seu relato isento, neutro e verdadeiro; de outro, percebe-se, implicitamente, que o enunciador está dominado por suas paixões. Prova disso é justamente sua preocupação excessiva em parecer fidedigno. Seu discurso deve ser digno de crédito – ele o afirma

explicitamente várias vezes. Eis, pois, o *ethos* dito. Entretanto, o *e-ethos* dito vai de encontro àquilo que se disse. Por meio do dizer, do explícito, o enunciador mostra, dá indícios, implica que ocorre justamente o contrário. Ao *ethos* dito, portanto, não corresponde o *ethos* mostrado.

Convém observar ainda, que o enunciador, muitas vezes, ao calor da pena que relata, acaba traindo seus propósitos discursivos: a busca do objetivismo, realismo, veracidade e imparcialidade; deixando implicitamente transparecer suas emoções. Trata-se, sobretudo, de um relato humano, em que não se pode desvincular discurso e enunciação.

Analisando os adjetivos utilizados pelo autor, destaca-se a predominância de qualificações negativas: “*anemico, apatico, corrotto, fatalista, indolente, inerte, leggero, mesto, rassegnato, sensuale, perverso, antiestético, confuso, inutili, vergognoso, ridicolo, deplorabile, maligno*”, somente para citar alguns exemplos. Dessa forma, fica evidente a desqualificação dos nacionais com a predominância de traços semânticos negativos.

A retórica da negação, ou seja, a caracterização pela descaracterização compõe o universo discursivo de Moriconi e é reveladora das ideologias racistas do final do século XIX. A construção desse discurso e a constituição do sujeito discursivo orientam o interlocutor para a construção de uma imagem estereotipada dos brasileiros e do Brasil bem como legitimam a enunciação de um discurso capaz de desvelar a ideologia dominante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Introdução de Manuel Alexandre Júnior. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto. (Orgs.). *Análise do discurso: as materialidades do sentido*. São Carlos: Claraluz, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise do discurso*. São Paulo: Pontes, 1989.

_____. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Ethos, cenografia e incorporação. In: AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

MORICONI, Ubaldo. *Nel Paese De'Macacchi*. Torino: Roux Frassati, 1897.